

M emória de infância &
E scrita para infância:
entre bichos-da-seda e
plantas carnívoras

Diane Valdez



**MEMÓRIA DE INFÂNCIA &
ESCRITA PARA INFÂNCIA: ENTRE
BICHOS-DA-SEDA E PLANTAS
CARNÍVORAS***

Diane Valdez¹*Como você inventou este livro? (J.M., seis anos)*

“**C**omo você inventou este livro?”. Esta pergunta, aparentemente apequenada, feita por uma criança em um encontro com leitores de um de meus livros, introduz aqui uma conversa sobre a história de “inventar” livros para a meninada, pois, sob outros formatos, a pergunta está sempre presente nos espaços que marcam os encontros com os leitores infantis de diferentes caras e idades. São momentos, vale registrar, plenos de novidades, tanto para quem constrói os livros, como para quem os lê, porque ambos trazem expectativas de diferentes matizes para a prosa. Nesse lugar, eu me acomodo, tomo emprestada uma lupa, aumento o olhar e tento observar o que seduz, abraça, atinge/mobiliza, desperta e atrai a meninada. Procuo entender o que leva as crianças a se movimentarem em torno daquele material que foi produzido por uma adulta para elas. Geralmente, as impressões chegam sob formato de perguntas. Uma das primeiras, talvez influenciada pelo mundo adulto, é: “O que inspira sua escrita?”. Em relação a este questionamento, agradeço a menina J.M. por ter formulado a pergunta de forma espontânea e poéti-

* Recebido em outubro de 2015.

1 Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP; Professora Adjunta da Universidade Federal de Goiás – UFG; Escritora de livros para crianças. E-mail: <divaldez@ufg.br>.

ca: *Como você inventou este livro?*. No presente texto, apresentado em formato de ensaio, a pergunta é referência para uma prosa a respeito de histórias que podem levar a criar outras histórias, de leituras de infância que podem produzir outras leituras para outras infâncias, em outros tempos.

Apesar de a pergunta ser simples, não penso que mereça ser respondida de forma sisuda e apressada. Talvez, mereça uma convocação de pirilampos que possam adornar com iluminuras o passado (sempre é tempo de iluminar a história), permitindo abrir os baús da memória de leituras feitas há muitos outonos, em tempos nos quais a pressa não persistia, em tempos de olhos imaginativos a percorrer páginas que, hoje, poderiam não ser tão atrativas, mas que em um passado sem maiores enleios, significavam um mundo de encantos. Talvez as memórias, guardadas nos cantos da história, podem ajudar a pensar as invenções providas de um lugar que ocupo de forma informal: um posto chamado escritora. Ou escrevinhadora de livros para crianças.

A meu ver, os rituais na escrita literária são subjetivos, não é possível encontrá-los prescritos em manuais de orientações, tampouco limitá-los a um lugar ou um tempo. Por exemplo, a respeito das ideias que podem iluminar uma escrita, já as encontrei em conversas, em chuvas, em olhares, em paisagens, em viagens, em risos, em chãos, em sonhos, em lágrimas, em brigas e até mesmo na inquietante musa inspiradora chamada “prazo”. Também encontrei em momentos de devaneios, fantasias, quimeras, fabulações, etc. Como não há espaço para falar sobre todos esses lugares, elegi as histórias vividas, pois elas me acompanham e estão sempre me cutucando para serem lembradas nas linhas dos contos escritos para a infância. Nas histórias vividas, há um tanto de situações que eu poderia trazer aqui. São passagens que também podem justificar minhas andanças pelo mundo das letras literárias para crianças. Por exemplo: contar histórias para crianças vem de histórias menineiras familiares, daquela sensação boa de escutar minha avó trazendo, mansa-

mente e pausadamente, personagens de outros tempos, de lugares sobrenaturais, que tomavam formas crescentes sob o barulho da água caindo no telhado, sob o cheiro e o calor da lenha sendo queimada no fogão e sob o gosto do mate de leite passando pelas mãos dos netos. Contos moralistas, tão bem recebidos, em especial os de dar frio na espinha, como os de “enterros”, em que um maldizente ia pegar o tesouro do morto e se dava mal. O momento e o lugar onde ouvíamos aquelas narrativas nos aconchegavam e nos deixavam em estado de graça, seja da graça do medo ou da ansiedade, na espera de um final ao menos feliz, depois de tantos infortúnios. Pode ser que daí venha a vontade de proporcionar aqueles momentos a outras crianças, com outras chuvas, outros barulhos, outras vozes, outros afagos, outras sensações de bem querências (taí algo que merece outra escrita).

Também poderia buscar minhas andanças inspirativas nas leituras que fazia no mundo escolar. Em especial de minha Escola Primária. Poderia falar de minha primeira Cartilha, a *Caminho Suave*, que carregava meu nome na contracapa, primeiro livro só meu: amor declarado, ou de outro amor pronunciado: a *Coleção Vaga-Lume*, coleção de livros lidos coletivamente, que iluminou meu ensino primário, com suas fichas intermináveis. Se eu me aborrecia com as fichas? Não me lembro, pois em meus olhos de infligir normas, os mistérios, os dramas, os risos corrompiam qualquer tentativa de fazer daqueles livros algo didático e chato. Maravilhei-me com *O caso da borboleta Atíria*, primeira obra lida. O drama de uma borboleta órfã, com defeito na asa, me causava compaixão, enquanto que pelo *Esqueleto Vivo* (pode este nome?) nutria fúria e pavor. Por meio dessa coleção, andei, entre outras, pelas páginas do *O escaravelho do diabo*, *A ilha perdida* e, mais tarde, *Meu pé de laranja lima* e *Éramos seis* (decorei o final: lia em prantos).

No mundo não escolar, no espaço doméstico, a leitura parecia ser mais interessante. A despeito do número limitado de obras, as normas eram menos rígidas que as da escola. Quase

sempre (eu disse, quase), a gente podia escolher o lugar, o gênero, a forma e o jeito de fazer as leituras. Formalmente, dentro das regras caseiras, estabelecia-se que após o banho da tarde, aparentemente livres das terras nas unhas, era o horário propício para leituras. Eu já achava que a hora ideal para esta prática era quando tinha que fazer algo em casa, tipo uma “obrigação”, como lavar louças ou arrumar a cama. Era nesses momentos que qualquer leitura, de qualquer coisa, tomava uma importância sem igual. Escondida, ou não, sempre acomodada de algum jeito torto, lentamente passava as folhas e corria o olhar preguiçoso, e sem pressa, pelas páginas de algum material. Fingindo organização, que nunca tive, separava, de um lado, “os que já vi”, do outro, “os que ainda já não vi”.

Aqui, vale outra cláusula: nunca fui uma leitora atenta, disciplinada, daquelas que fazia leitura “silenciosa”, ou que pegava algo e lia atentamente sem se dispersar. Se fosse aplicada, não seria criança, logo, configurando meu jeito de menina desmazelada, entre uma página e outra que virava, fazia um mundo de outras coisas: bolinhos de barro (sabores de lamas infinitas), comidinhas de folhas e flores (fofas demais!), conversas imaginárias (Bom dia! Pode entrar, quer um chá?), esticadas ao pé de pêssego (fruta de textura aveludada) e muitos outros mundos invejáveis. Apesar das prescrições estabelecidas para leituras, como não sujar, não virar as páginas de qualquer jeito, lavar as mãos e outras exigências que davam longevidade ao material custoso chamado livro, o certo é que eu burlava quase todas. Eu me enfiava debaixo da cama com uma leitura e a iluminava com uma lanterna, colocava de cabeça para baixo e tentava ler movimentando-me feito uma lombriga, levava algumas para enfeitar a casinha, empilhando e colocando em cima um vidro de remédio com flores do mato, fazia de um livro banco para folhear outro etc. Enfim, bons modos? Nunca os tive e, sinceramente, não sei se me fizeram falta...

Os gêneros de leituras variavam. Vamos classificar por afe-

tividade: os gibis de diferentes estilos, entre eles os dos super-heróis mais estilizados (Tarzan, Mandrake, Fantasma e Zorro), os dos tios e tias da Disney (sempre amei Clarabela e Margarida), os quadrinhos de meninas e meninos (Luluzinha, Bolinha, Brotoeja, Bolota, Sobrinhos do capitão etc.) e os das bruxas irmãs (Alcécia e Memécia); os clássicos livros de bolso de faroeste (cujas personagens comiam feijão de lata); as revistas *Manchete* e *Cruzeiro* (clássicos do regime militar); os *Almanaques* conseguidos nas farmácias e outras folhas ilustradas com letras, poucas cores e poucas imagens. Mais tarde, foram as obras de Monteiro Lobato, únicas que me lembro de ter emprestado da escola: *O Minotauro* e *Fábulas*. O primeiro definiu minha entrada pelo mundo de mitos da antiguidade e o segundo corroborou com as histórias de bichos falantes que eu escutava dos mais velhos da família.

Em dias infinitamente longos e mornos, em que o tempo oferecia prazo para o ócio, como não tínhamos viagens, televisão, brinquedos, tampouco festas de aniversários, nos divertíamos armando circos, fazendo cozinhadinhos, subindo em árvores, explorando quintais, equilibrando em muros e comendo goiabas no pé. Fazíamos desfiles elegantes, com modelos de moda inspiradas nas revistas do trabalho da mãe costureira (*A Cigarra*), que nos emprestava alguns retalhos limitados para comporem nossos mundos de personagens, de histórias dramatizadas, de roupas para bonecas e um tanto de outras coisas. Seguindo as pistas das leituras, fazíamos diligências para encontrar areias movediças, pedras preciosas, insetos venenosos e outros que nos foram apresentados pelas páginas de folhas compostas e juntas com letras, figuras, balões, onomatopeias, etc.

Em tempo: resignação não faz parte de minha coleção de palavras livrescas, então vale dizer que não romantizo a pobreza, pois a pobreza é feia em qualquer tempo ou espaço, em especial para a infância. Se tivéssemos oportunidades de viagens, brinquedos e outros direitos de qualquer criança, certamente teríamos aprendido e nos divertido muito mais. Tínhamos livros e

nos seduzimos com eles, pois não havia outra alternativa, mas sonhávamos com bonecas de cabelos de verdade e casas com fogões, camas e sofás em miniatura. Ah! Meu irmão desejava a coleção completa de soldadinhos de chumbos com os poderosos fortes de montar. Mas tinha que se contentar com os soldadinhos de plástico que vinham em um achocolatado conhecido. Então, a vida para a infância, nem sempre é regada a risos.

Retornando... Provavelmente, as leituras feitas com diferentes leituras dariam variados textos, mas, antes de destacar o objeto de leitura eleito, quero aproveitar de meu feitio historiadora e recorrer a ressalvas para destacar que, minha proposta aqui é trazer elementos de uma história individual, impressões da memória de uma adulta sobre sua infância, com todas as variações permitidas: romantizar, esquecer, descuidar, omitir, relevar, etc. Vale a ressalva, pois pode se cair no velho risco determinista de concluir que só quem leu na infância tem capacidade de escrever. Ou mesmo, que o ambiente vivido fixa, de forma exclusiva, o papel da leitura e da escrita. No papel de escrevinhadora, penso ser viável tomar cuidado com definições muito justas no mundo da escrita e da leitura (em outros também). Certamente é inegável a influência que o passado exerce sobre as práticas atuais, contudo, não me parece possível tomar como referência a história individual impondo-a ao coletivo. A relação com os materiais de leitura aos quais eu tinha acesso, provavelmente, não era a mesma que outras crianças de minha idade, de minha classe social e outros, estabeleciam. Assim como as sensações experimentadas, certamente, se caracterizavam de formas diferentes, dependendo de um monte de fatores. Desse modo, descartando a ideia obstinada de que as leituras da infância servem para todos da mesma maneira, quero dividir algumas imagens de leituras de infância, que a mim podem ter servido para a construção desses objetos chamados livros para crianças.

Seguindo a tomada de distância no tempo e minha característica de dispersão, optei por, dentro de um recorte no univer-

so doméstico, falar do significado que teve, tanto em minhas experiências de leitura, como depois na escrita, a coleção de livros da *Enciclopédia Juvenil Ler e Saber*. Foi por meio desta coleção, voltada para o público juvenil, que fiz a primeira viagem pelo mundo, antes mesmo de obter o passaporte do mundo letrado. Com aqueles livros, que embora não passassem de quatro volumes eram, em relação ao meu tamanho, quase uma biblioteca, embarquei nas primeiras andanças pelo universo da literatura, da curiosidade e das ciências. De cunho enciclopedista, como o próprio nome indica, as obras tratavam de vários temas do saber. Cada tema ocupava entre uma a três páginas. Nota: as páginas eram grossas, provavelmente para resistir ao tempo e o passar constante de folhas, feito por cinco pares de mãos ao mesmo tempo, com dedos nem sempre limpos, molhados de salivas e de curiosidades. No passar de mão em mão, os livros perderam as capas e precisaram ser reencapados. As páginas foram, então, coladas com grude feito de farinha, com páginas da *Revista Cruzeiro*, que trazia uma matéria sobre concurso de misses do universo. Recentemente, retomei as obras com a intenção de reencapar com capa dura para conservar. Mas, e a originalidade da capa com fotos de misses da época? Sem chance, vai ficar assim mesmo!

No meu universo próximo aos cinco anos de idade, eu tomava cada volume (que parecia imenso) e, primeiramente, decifrava e lia as imagens. Apoiando a cabeça com a palma da mão esquerda, acompanhava as imagens com o dedo indicador direito, já que não dominava o mundo das palavras. Precocemente, comecei, no entanto, a decifrá-las sozinha, talvez pelo desejo de descobrir mais sobre as imagens. As ilustrações seguiam um padrão de enciclopédias da época, eram coloridas, uma espécie de pintura de painel de caminhão, cheia de cores, simples, mas de uma beleza sem igual (até hoje gosto deste tipo de ilustração, tão óbvia, mas tão sensível). Naqueles tempos, andava com um volume nas mãos (nada limpas) pedindo, quase implorando, como

qualquer criança curiosa, para alguém letrado contar mais sobre as imagens. Então, vinha a ajuda de minhas irmãs mais velhas que, sem muito desejo, nem paciência, liam rapidamente (pulsando partes), uma e outra página, história ou tema (depois ainda dizem que caçula tem privilégios).

A coleção me apresentou um universo. Informações sempre grandes aos meus olhos de menina. Ao dominar o mundo da leitura, *Ler e Saber* me apresentou palavras. Palavras das quais eu não decifrava os significados, mas que eram repletas de beleza, como, por exemplo: “pergaminho”, “submarino”, “oxigênio”. E eu lia do jeito que me parecia correto, achando que estava arrasando. Uma vez encontrei a palavra “Crepúsculo” a ilustrar algum tema. Se fosse “Crepúscula”, pensava, seria o nome de minha boneca, que não se incomodava em mudar de nome a cada palavra bonita que me conquistava. Assim, minha entrada no processo de interpretação das letras, combinadas de modo a formar palavras, não foi penosa. Sorte a minha! Talvez graças aos crepúsculos da *Ler e Saber*!

Nas páginas daquele material, dei de cara com as medonhas plantas carnívoras que tiravam meu sono e atiçavam meu desejo de tê-las para me livrar de alguns seres indesejáveis. Fui para algum lugar do mundo, onde pássaros, da espécie andorinha, construía ninhos em penhascos (!). Verdadeiras preciosidades arrancadas por homens malvados (fizemos questão de raspar seus rostos com as unhas para que aprendessem a deixar a casa dos outros em paz). Estes usurpavam os ninhos para vender como iguarias. Assim, aprendi a palavra “iguarias” que, durante muito tempo, achei que se referia aos ninhos de pássaros comestíveis. Conheci Benjamin Franklin que, ao empinar uma pandorga (pipa de Mato Grosso do Sul), descobriu a eletricidade. Pasma, soube que alguns lagartos asquerosos, se deixados sobre algumas folhas de amoreira, produziam a seda, movendo-se de um lado. Isso tomou algumas horas do meu tempo, pois, como era possível aquela proeza? Perguntei isso a minha irmã que,

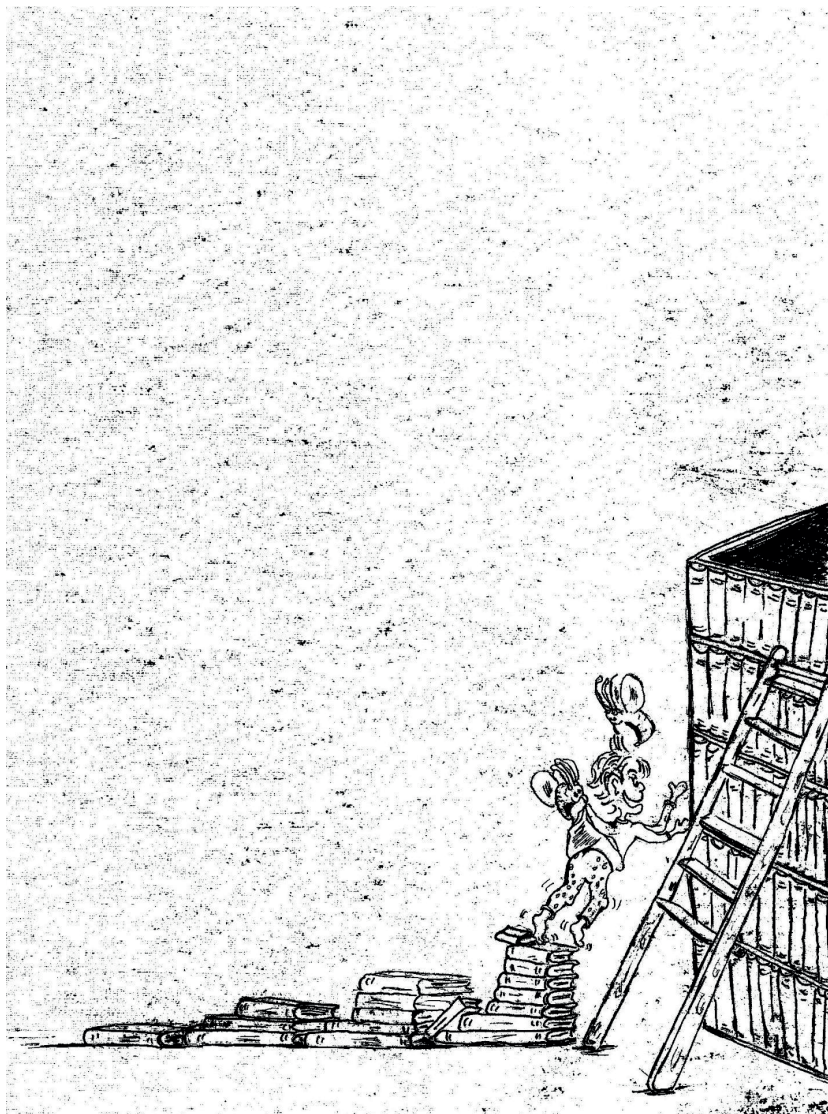
com um “ahan”, seguiu pintando as unhas. Também soube que o relógio no passado não ficava no pulso, mas em ampulhetas formidáveis (até hoje amo ampulhetas), que a areia fazia vidro, como os vulcões entravam em erupção, porque os submarinos não afundavam, porque os piratas vestiam seda e usavam joias, as cores do arco-íris (não falava de pote de ouro e sim de mistura de cores), como foi feita a Disneylândia, lugar onde a gente virava colher dentro de uma xícara que rodava (enlouquecia de desejo, ainda bem que passou), o que era aquela medonha areia movediça que engolia gente e animais, como alguns lagartos conseguiram esticar a língua para jantar insetos e mais um mundo de informações. Naquele tempo, fui construindo minhas ideias de ciências: as ameaçadoras plantas carnívoras existiam, se comiam insetos, comiam gente, então, seriam úteis a mim em qualquer momento. Bastava empinar pipas em tempestades para provocar eletricidade e juntar gosmentas lagartas nas folhas de amoras para produzir macias sedas. Era bom evitar jogar algo na cratera do vulcão para que ele não entrasse em erupção, destruindo tudo. Fazer vidros não era caro, pois areia tinha em tudo quanto era lugar. Com as ideias prontas, ser cientista era moleza.

Mas não foram somente os temas que me convertiam em “cientista” a me cativar. Apreciava também uma série da enciclopédia intitulada “Histórias da humanidade”. A mais maviosa, como indica o próprio título, eram as formosuras feitas pelo homem: “As Sete Maravilhas do Mundo”. A gente brincava de, ao virar a folha, bater a mão primeiro na maravilha que mais gostava, tomando-a para si. Eu, sempre atrasada, nunca conseguia bater a mão na que eu gostava, mas de tanto sobrar para mim as menos desejadas, acabei ficando fã de duas que passaram a fazer parte do meu reino brincante: o *Colosso de Rodes* e os *Jardins Suspensos da Babilônia*. A primeira maravilha era apresentada por meio de um texto e uma imagem pintada. Era o gigante Rodes segurando um farol, com as pernas abertas em dois suportes que abrigava cada um de seus pés em pleno mar, por onde passava um navio.

Rodes deve ter sido meu primeiro amor, pois eu o admirava por alcançar os céus, iluminando as noites escuras e ameaçando as ameaças. Era um herói e seu poder de iluminar a escuridão era estupendo, sobretudo para quem tinha pânico do escuro. A enciclopédia dizia que um homem grande não conseguiria abraçar o dedo mindinho de Rodes. Bah! Rodes para presidente!!!

Os Jardins Suspensos da Babilônia eram outra maravilha que incendiava minha imaginação. Na minha cabeça “espiculenta”, como dizia minha avó, tentava achar respostas curtas para minhas perguntas, pois, afinal, como um jardim poderia ficar suspenso no ar? Quem cuidava? Quem escolhia as plantas? Quem molhava aquela imensidão de plantas e flores? Tinha “beijo”, aquela flor aveludada que eu tanto gostava? Sem respostas e mais “ahans”, eu juntava todas as plantas que conhecia e somava com as que havia na enciclopédia e enfiava nos “jardins suspensos”: romã, limão-galego, manga-espada, goiaba vermelha, margaridas e mais as que eu conhecia só de figura: as papoulas, tulipas e, claro, as plantas carnívoras (onde poderia encontrar uma?). Havia outras maravilhas, mas fico nas duas que sobravam para minhas mãos pequenas e sempre agitadas.

Dando sequência às histórias da humanidade, conheci a *Rainha de Sabá*, personagem pela qual nutri admiração por um tempo integral. A imagem mostrava uma rainha negra, esplendorosa, e seu poder de formosura fazia todos os súditos se curvarem diante dela. A Rainha tinha cara de firmeza e isso talvez era o que mantinha fixa minha atenção sobre ela. Gostei ainda mais dessa rainha, quando um dia brincávamos no quintal de imitar personagens, e minha irmã do meio, ornamentada com folhas de manga e melão de são caetano, nomeou-se Rainha de Sabá. Fiquei perplexa com minha irmã, de fato, os melões de são caetano reluziam como pedras preciosas e as folhas compridas da mangueira eram sedas dignas de uma rainha. A Rainha de Sabá era minha irmã!



Com a coleção *Ler e Saber* também fiz meus primeiros passeios pela literatura universal. Duas ou três páginas, em formato de quadrinhos sequenciais, com pequenos textos abaixo de cada um, colocaram-me à presença de *As aventuras de Tom Sawyer*,

Robson Crusoé, Os miseráveis, A volta ao mundo em oitenta dias e muitas outras produções. Eram os clássicos reduzidos, em minha opinião, de bom tamanho para meu tempo. Os dois primeiros, cujas imagens eram totalmente possíveis de se ler e compreender, foram lidos incansavelmente, até decorar. Tom Sawyer era eu própria! Em seu Mississipi, com o endiabrado amigo Huckleberry Finn (nunca consegui ler este nome), o guri aprontava peraltices e provocava o terror, como eu bem fazia, ou gostaria de fazer. A cena em que ele se fantasiava de menina me fazia chorar de rir, voltava nessa cena inúmeras vezes. Tanto nos contos de Tom Sawyer como no de Robson Crusoé, havia ilhas, e eu sonhava com ilhas, pois seria uma das saídas para fugir das ameaças de adultos. Servia até mesmo a ilha perdida de Crusoé, onde havia canibais bárbaros que não perdoavam e jantavam devotos cristãos. Dar a volta ao mundo em oitenta dias era totalmente possível para mim. E como eu gostaria! Mesmo correndo os riscos que o inglês rico corria com seu criado, era certo eu ser aquela preciosa moça indiana com cara de europeia. Outros quadrinhos me causavam imensa compaixão, como as crianças que viviam nas ruas, órfãs ou abandonadas e maltratadas por adultos. Novamente, para os cruéis covardes, a punição era riscar suas caras com as unhas, para extirpá-los do cenário. Ação coletiva seguida de um “Bem feito!” e o desejo que caíssem em uma areia movediça.

Naquelas enciclopédias cabia um mundo, do qual uma boa parte devo ter tomado para o meu mundo. Não sei e nem seria possível quantificar o que aquelas páginas me acrescentaram. Se pudesse, seria muito óbvio. O que não tenho dúvida é que elas foram importantes nos meus caminhos e nas minhas escolhas. Isso junto com outras atividades, pois não creio só no poder tamanho da literatura, reconheço sua importância, é claro, mas não atribuo poder mágico aos livros. Feita a reserva, reforço: certamente, os livros tiveram lugar em minhas práticas, passagens e escolhas. Parece-me que aquelas sete maravilhas (ou duas), aquelas histórias da humanidade (ocidentais, quase sem-

pre), sobretudo da antiguidade, somadas aos contos de Lobato, me levaram ao curso de História, pois seria ali que aprenderia mais sobre histórias sem fins. História da Antiguidade nunca foi meu forte, mas a opção pelo curso foi certa como a flecha de Robin Hood (outro que eu adorava).

Quanto a minha vida escolar, acho difícil dar um parecer à “utilidade” de infinitas leituras. Definitivamente, em minhas séries iniciais, não fui aquela aluna sonhada pelos meus colegas de profissão. É certo que aprendi a ler antes de muitas crianças de minha idade, e isso, sem dúvida, contou com a contribuição dos livros. Mas, no espaço escolar, eu era distraída, conversadeira, respondona e me interessava pelo que me atraía. Fui reprovada no ensino primário, no ginásio também e, só mais tarde, bem mais tarde, tornei-me um pouco mais disciplinada. Contudo, reconheço que não fui reprovada mais vezes, graças às leituras feitas na infância. A criatividade vinha e se traduzia em palavras. Então, a baixinha respondona se tornava criativa, seja na escrita, seja nos desenhos. Escrever era quase que espontâneo, inventava situações, inclusive nas redações sobre “Minhas férias”. Mentia descaradamente. Mentia, não! Criava! Depois, seguí escrevendo cartas para os amigos, família e amores. No meio das palavras colocava imagens, daquelas mais fofas de bregas. Hoje ainda, quando alguém me mostra cartas recebidas, derreto-me de graça.

Lendo, fui sabendo. Selecionando de acordo com meu interesse, fui sabendo o que eu achava que era para saber. Sem compromisso escolar, sem fazer provas e sem ninguém para “tomar o ponto”. O fato de escolher os pontos pode ter sido a chave, pois, como nunca gostei de ser mandada, eu mesma escolher o que gostaria de saber era bárbaro. Talvez por isso eu tenha desenvolvido tamanha afetividade por aquela coleção que, sem qualquer dúvida, tornou meu mundo de menina mais engraçado, curioso e envolvente. No encontro com outras leituras, abandonei a enciclopédia, achando que poderia apagá-la de minha história. Cheguei ao cúmulo, em um tempo de sisudez sem limites, te-

cer sérias críticas ao material, esquecendo o mundo que aquelas obras me proporcionaram. Atitude prepotente, típica de quem acha que pode “cuspir no livro que leu”. Total ingratidão! É certo, saí da enciclopédia e fui para outros mundos livrescos, para outras páginas, muitas de que eu não gostava, mas que precisava, pois não poderia eleger mais “meus pontos” como quando menina. Sai da *Ler e Saber*, mas creio que ela nunca saiu de mim, pois cruzo com ela em minhas escritas e em minha vida. Em diferentes proporções.

Diferente de minha infância, meus medos não se limitam mais a ser devorada por plantas carnívoras, ser engolida pelas areias movediças ou ficar sem ar em um submarino. Sigo alimentando os medos, mas creio que os atuais são mais ameaçadores. Talvez isso me faça colocar alguns no papel e transformar em histórias, assim os espanto, ao menos por um tempo. Sigo criando ilhas, onde me enfio para escrever, pois o momento da escrita, na maioria das vezes, é solitário como uma passagem por uma ilha perdida. Depois que a história está pronta, torna-se coletiva, como era a *Ler e Saber* em casa, mas sua criação implica uma atitude individual, assumida a partir do desejo de compartilhar vivências, experiências, impressões, sensações e maneiras de enxergar o mundo.

Julgo importante destacar que, em meu contexto de menina, a coleção *Ler e Saber* não tinha dono e cada leitor a lia e a interpretava de alguma maneira, sem modelos. Assim são os livros quando chegam às mãos da pequenada sem a intervenção dos adultos. A despeito da tentativa dos colegas de profissão de impor fichas prontas, as crianças vão além e, subjetivamente, nem querem saber o que a autora “quis dizer” com isso ou com aquilo. Fazem elas mesmas suas leituras, suas interpretações, suas inferências.

Sigo não querendo ser incomodada, amolada ou interrompida quando sento, quase sempre torta, para ler ou para escrever. Ainda faço prodigiosos rodeios quando tenho um compromisso

e me perco em escritos que, absolutamente, não tem nada a ver com a “obrigação”. Também começo a ler inúmeras coisas e vou encostando, classificando em: “Estes eu já quase li” e “Estes um dia eu vou ler inteiro”. Minhas práticas de leitura são variadas. Como as de minha meninice, com o acréscimo de leituras obrigatórias com pontos tomados pela academia.

As histórias que eu inventava de cabeça, hoje, coloco no papel e construo livros, não tão atrativos como a minha enciclopédia, mas com caras e temas que me são caros. Desse modo, saio do casulo e, feito bicho-da-seda, larva inquieta, reviro-me na pausa de um quarto de compasso, buscando criar palavras macias, para que qualquer criança possa encontrar e tornar a vida mais branda. Feito pirata, cruzo águas e crio corsários cavernosos, enchendo-os de textos irônicos, vezes sarcásticos, roubados de passagens que vivi ou que inventei, tentando dar riso ao mundo da pequenada. Fazendo janotas, trago para as linhas Tom Sawyer e, talvez, eu própria, sem a tranquilidade, doçura e comportamento que sonharam para mim. Talvez isso facilite juntar personagens que, igualmente, nem de longe, são exemplares. Dou voltas ao mundo, não no planeta e nem em oitenta dias, mas retiro uma ideia de alguém que vi em algum lugar, em algum tempo, em alguma situação e insiro rapidamente para que não desapareça no espaço sideral.

Com jeito de andorinhas no penhasco, vou juntando pedaços de palavras, gravetos saboridos, entrelaçados, formando pequenos ninhos, que depois serão colados com grude feito de farinha, nos papiros modernos. Assim, por não se tratar de iguarias, os leitores podem devorá-los sem medo de invadir a natureza, que consiste no tema que não perco de vista, pois a natureza, formada de vários jardins suspensos ou assentados, naturalmente, não tem ninguém para molhar suas plantas e nem escolher que tipo de vegetação será plantada. Às vezes, para chegar a um texto final, escrevo tanta coisa que parece aquele jeito enciclopedista de querer falar de tudo um pouco, deixando os escritos

carregados de conteúdos. Então, eu me concentro e assumo o ponto, arriscando uma ou outra experiência. Repetindo o costume de não me contentar em ler uma só vez, retorno à escrita, não para contemplar e admirar, como fazia antes, mas para, com o inquietante compromisso de aparar, peneirar e limpar o texto, fazer chegar às mãos das crianças uma produção cuidadosa e interessante. Quando pronto, o livro é apresentado ao público, em um evento chamado “Lançamento”. Ali, sinto-me como se fosse Rodes, pois meu tamanho e responsabilidade crescem tanto, que os livros parecem se tornar pequenos faróis para a meninada iluminar seus mundos de letras. Iluminar para gostar ou para rejeitar.

Nas páginas, uma ilha toma forma de porão. Sua moradora, uma mulher negra que existiu bem perto de nosso tempo, se converte naquela Rainha de Sabá que tanto me encantou. E esta faz de muitas crianças verdadeiros súditos a admirar sua nobreza destituída de poder monárquico. E insiro uma trouxa cheia de mistérios, como o arco-íris, que aparece após a chuva e traz um balanço das cores molhadas. Como se desejasse eternizar algumas maravilhas da humanidade, trago-as em formato de personagens animais com costumes humanos. Os comportamentos são diversos e traçados com o cuidado de poupar o leitor de lições moralistas. Nem sempre é possível. Mesmo sendo a minha mão a primeira a escolher o tema, a preferência se consolida quando deliberadamente elejo e destaco alguns personagens em detrimento de outros. Como naqueles momentos em que folheava as páginas das obras e, sem qualquer problema, usava meus critérios para dizer que algumas coisas eram mais importantes que outras. Assim, o lobo, antes fera, se torna pacato, enquanto que as vítimas, os apetitosos e rosados suínos, viram peludos insuportáveis.

Nos escritos estão minhas histórias, meus jeitos de ver o mundo, meus olhares sobre a infância, minhas nuances de historiadora, minhas ironias extraídas de impressos e até minhas dimi-

nutas sutilezas. Vejo-me no que escrevo, não poderia ser diferente, pois a composição parte de mim e é resultado de um conjunto de vivências e experiências construído historicamente, com base em elementos que as pessoas a mim dispuseram, como os materiais impressos já citados e os sentimentos dispensados por cada uma delas nas construções de minhas páginas de vida. Agora, vejo que cresci cercada por livros, não só impressos, como também livros humanos. Em especial, três livros, pra lá de especiais.

Um livro *Vó*, de capa transparente, volumoso, com muitas páginas que cheiravam alecrim, hortelã e manjerona. Obra indispensável que contava infinitas histórias de magias, de plantas e flores que curavam, de benzeduras infalíveis e de receitas inolvidáveis. Lotado de sabedorias, esse livro tinha lições sobre partos, sobrevivências e coragens. Era uma obra muito disputada, mas quase sempre acessível a todos, sem muitas normas.

A Mãe era um livro de capa dura, cor de terra, daqueles que a gente contemplava com receio, com medo, com desejo de tomar nas mãos, no entanto, mantinha distância. Quando era possível chegar mais perto e folheá-lo, encontrávamos páginas lotadas de histórias de bravuras, de conhecimentos, de enfrentamentos e até de contentamentos. Esse livro, a despeito de ter muitas lições, ordens, broncas, punições e severidades, tinha proteção, cuidado e desejos imensos de nos fazer pessoas melhores.

O Pai era outro livro de capa dura, só que vermelho, um livro imenso de pequenas histórias, feito enciclopédia. Também era um livro para ser observado a distância. Vezes sisudo, vezes afetuoso. Um livro com novidades livrescas, pois era uma obra sempre carregada de outras obras, inclusive de obras que não eram permitidas de serem folheadas. Suas folhas tinham saberes intermináveis, desejos pelo justo, enfrentamentos grandiosos e um final triste e vazio. Um livro que, como tantos, desapareceu da terra, permanecendo seu cheiro, que sinto cada vez que abro livros novos.

Esses três livros, sobretudo, foram responsáveis pela melhor parte da escrita de meu livro. Provenho de suas folhas, além

de objetos, cenas e pessoas que para mim constituem verdadeiras obras. Nenhuma igual. Nem se reeditadas. Ainda bem, assim fico mais à vontade para ser volume único e falar por mim mesma, sem deixar de reconhecer que livros, mesmo que assinados por uma só pessoa, são obras coletivas, pois a história é vivida coletivamente. Agradeço, então, as pessoas livros, além das citadas, muitas outras, em especial, minhas irmãs e meu irmão. E, em nome das plantas carnívoras e dos bichos-da-seda, agradeço aos reinos, reais e inventados, que me ajudam, invariavelmente, a “inventar livros” para a meninada...

Agradeço a Kesia Ramos, graduanda em Artes Visuais Licenciatura pela UFG, que, gentilmente, ilustrou este texto.

